

Utopia histórica para a pós-modernidade

Géssica Priscila RAMOS¹

Parece-me que grande parte da teoria humana, desde seus primórdios até a modernidade, sempre constituiu-se de duas partes fundamentais: a primeira, e talvez a mais importante, são os *pressupostos humanos* que a embasam e que, embora não sejam testáveis, sustentam todo o querer dessa teoria; a segunda, e não menos importante, é a *proposta utópica de sociedade* que sugere, como passível, a teoria, e que, por tal, constrói artefatos e artifícios discursivos.

Vive-se hoje um período que caracterizam como pós-modernidade e o que se observa é um profundo pessimismo ou imobilismo em várias tendências teóricas. A falta de propostas e crenças se ancora, o que justifica a idéia que discute o fim das utopias.

Mas, ao que me parece, o fim do querer não é relativo a perda do que se quer, do que se deseja. Ao contrário, essa perda é precedente a uma perda utópica muito, ainda, anterior e maior. Como disse, a teoria é composta de duas partes principais, sendo a primeira, talvez, a mais importante.

Com a queda do Muro de Berlim e a crise do Bloco Socialista foi derrubada a ponte que ligava, ao futuro, o passado. Perdeu-se a crença de se construir um mundo "igual para todos" pois já não mais se acreditava que o ser humano fosse tão humano como se acreditava: nem naturalmente bom como pensava Rousseau, nem revolucionário e dono de sua História como apontava Marx. Isso não quer dizer que o indivíduo não seja bom, tão pouco que não seja histórico. No entanto, a quebra do Muro de Berlim parece ter gerado a crença de que o ser humano seja não-revolucionário e que não conseguiu realizar a *utopia final* porque era diferente do que a *utopia inicial* acreditava que ele fosse.

Ora, parece que os indivíduos esqueceram-se de que o que falhou em prática foi o fim, mas que essa falha última não invalida a tese primária e inicial. O complicado dessa situação é que, abandonando as utopias iniciais, o ser humano perdeu-se de sua identidade e já não sabe mais desejar porque não acredita ser capaz, muito menos sabe do que é capaz, já não sabe nem mais o que ele é.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Faculdade de Ciências e Letras-UNESP -14800-901-Araraquara/SP

Essa quebra com seus laços passados, com os pressupostos humanos ou utopias iniciais, coloca o sujeito da pós-modernidade em total vazio: perde-se a herança que o ajudou a construí-lo: perde-se a ética, a moral, a civilização. Não que ele perca aqueles entraves que o censure e o subjugam na escolha, mas perde de si sua base histórica. Quem sem passado consegue escolher um futuro e desejar além do presente?

É necessário para essa nova fase que vivemos, algo que nos traga a lembrança aquilo que fomos e somos capazes. É necessário nesse período nebuloso tentarmos parar de *correr sem rumo* e voltarmos nossos olhos para o passado para lembrarmos que já existimos há centenas e centenas de anos e que, ainda que não tenhamos sido revolucionários, tivemos a chance e a escolha.

Somos, portanto históricos e devemos assumir isso ainda que com tal pressuposto nos reste a dor de termos feito até então a "história errada". Pelo menos, assim, retomamos, além da culpa, as possibilidades.